

Hans Magnus Enzensberger

# O DIABO DOS NÚMEROS

---

Um livro de cabeceira para todos aqueles  
que têm medo de matemática



Concepção gráfica e ilustrações:  
ROTRAUT SUSANNE BERNER

Tradução:  
SÉRGIO TELLAROLI

19<sup>a</sup> reimpressão

**SEGUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

---

Copyright © 1997 by  
Carl Hanser Verlag München Wien

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:  
*Der Zahlentufel*

Preparação:  
*Márcia Copola*

Revisão técnica:  
*Iole de Freitas Druck*  
*Carlos Edgard Harle*

Revisão:  
*Beatriz Moreira*  
*Cecília Ramos*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Enzensberger, Hans Magnus, 1929-

O diabo dos números / Hans Magnus Enzensberger, ilustrações Rotraut Susanne Berner ; tradução Sérgio Tellaroli. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: *Der Zahlenteufel*.  
ISBN 978-85-7164-718-3

1. Ficção alemã 2. Matemática (Literatura infantojuvenil)  
i. Berner, Rotraut Susanne. ii. Título.

97-4660

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:  
1. Matemática : Literatura alemã 028.5

---

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

## A primeira noite



Fazia tempo que Robert estava cheio de sonhar. Dizia para si próprio: “E, além do mais, faço sempre papel de bobo”.

Por exemplo: em seu sonho, muitas vezes ele era engolido por um peixe enorme e repugnante, e, sempre que isso acontecia, ele ainda tinha que aguentar um cheiro horroroso entrando pelo seu nariz. Ou então sonhava que estava escorregando num escorregador sem fim, descendo cada vez mais fundo no abismo. Podia gritar “Para!” ou “Socorro!” o quanto quisesse, e não adiantava: ia descendo cada vez mais rápido, até acordar molhado de suor.

Caía também num outro truque maldoso quando desejava muito alguma coisa, como, por exemplo, uma bicicleta de corrida de no mínimo 28 marchas. Aí, Robert sonhava que a bicicleta, toda pintada de um lilás metálico, estava esperando por ele no porão. Era um sonho de uma precisão incrível. Lá estava a bicicleta, à esquerda do armário de vinhos, e ele sabia até mesmo a sequência dos números para abrir o cadeado: 12345. Essa sequência era muito fácil de guardar!

No meio da noite, ele acordava, apanhava a chave na parede e, ainda meio sonolento e cambaleante em seu pijama, descia os quatro lances de escadas até lá embaixo. E o que ele encontrava à esquerda do armário de vinhos? Um rato morto... Que enganação! Um golpe muito baixo.

Com o tempo, Robert descobriu como se defender desses golpes baixos. Assim que começava a sonhar com tais coisas, pensava rápido, sem acordar: “Lá vem de novo o velho peixe nojento. Sei muito bem o que vai acontecer agora. Ele quer me engolir. Mas é lógico que estou sonhando com este peixe, e claro que ele só pode me engolir no sonho, e nada mais”. Ou então pensava: “Lá vou eu escorregando de novo, o que é que se vai fazer? Não posso parar com isso, mas também não estou escorregando *de verdade*”.



E assim que a bicicleta maravilhosa aparecia outra vez, ou um joguinho de computador que Robert queria de qualquer jeito (e lá estava o joguinho, bem nítido, ao lado do telefone: era só pegar), ele já sabia que era de novo pura enganação. Não dava nem bola para a bicicleta. Deixava

para lá. Mas, por mais esperto que ele fosse, aquilo tudo era uma amolação e, por isso, os sonhos o irritavam.

Até que um dia apareceu o diabo dos números.

Robert já estava feliz só por não estar sonhando com um peixe faminto, ou por não estar escorregando cada vez mais rápido desde a torre bem alta e oscilante daquele escorregador sem fim, descendo cada vez mais fundo no abismo. Em lugar disso, estava sonhando com um gramaado. Engraçado era apenas que a grama subia tão alta em direção ao céu que ultrapassava os ombros e a cabeça de Robert. Ele olhou em torno e, logo na sua frente, viu um senhor bem velho e baixinho, mais ou menos do tamanho de um gafanhoto, sentado numa folha de azedinha, balançando-se e observando-o com olhos cintilantes.

— Mas quem é você? — Robert perguntou.

E o homem gritou numa altura que o surpreendeu:

— Sou o diabo dos números!

Robert, porém, não estava disposto a se deixar perturbar por um anãozinho daqueles.

— Em primeiro lugar — disse —, não existe nenhum diabo dos números.

— Ah, é? E por que você está falando comigo, se eu nem existo?

— Em segundo lugar, odeio tudo o que tenha a ver com matemática.

— E por quê?

— “Se 2 padeiros fazem 444 rosquinhas em 6 horas, de quanto tempo precisarão 5 padeiros para fazer 88 rosquinhas?” Coisa mais idiota — Robert seguiu resmungando. — Um jeito estúpido de matar o tempo. Portanto, desapareça! Caia fora!

Com elegância, o diabo dos números saltou de sua folha de azedinha e foi sentar-se ao lado de Robert, que, em sinal de protesto, se acomodara na grama alta como as árvores.

— De onde você tirou essa história das rosquinhas? Provavelmente da escola.

— E de onde mais poderia ser? — disse Robert. — O professor Bockel, um novato que dá aula de matemática para nós, está sempre com fome, embora já seja bem gordo. Quando ele pensa que não estamos vendo, porque estamos fazendo as contas que ele passa, ele tira escondido outra rosquinha da sua pasta. E devora a rosquinha enquanto nós fazemos nossas contas.

— Tudo bem — disse o diabo dos números com um sorrisinho irônico. — Não quero falar nada contra o seu professor, mas isso não tem nada a ver com matemática. Sabe de uma coisa? A maioria dos matemáticos de verdade nem sabe fazer contas. E, além do mais, eles nem têm tempo para isso. Para fazer contas existem as calculadoras. Você não tem uma?



Robert viu um senhor bem velho e baixinho, mais ou menos do tamanho de um gafanhoto, sentado numa folha de azedinha, balançando-se e observando-o com olhos cintilantes.

— Tenho, mas não podemos usar na escola.

— Ah... Não tem importância. Um pouquinho de tabuada não faz mal a ninguém — disse o diabo dos números. — Pode ser bastante útil quando a bateria acaba. Mas matemática, meu caro, é outra coisa bem diferente!

— Você está querendo me levar na conversa — disse Robert. — Não confio em você. E se você vier me passar tarefa até no meu sonho, eu começo a gritar. Isso é um desrespeito aos direitos da criança!

— Se eu soubesse que você era um covardão — disse o diabo dos números —, nem teria vindo. Afinal, só queria me divertir um pouco com você. Em geral, tenho as noites livres, e aí pensei comigo: dá uma passadinha lá no Robert; com certeza ele já deve estar cheio de ficar o tempo todo escorregando naquele escorregador.

— Isso é verdade.

— Pois então.

— É, mas não deixo ninguém me fazer de bobo — protestou Robert —, pode pôr isso na sua cabeça!

O diabo dos números então deu um salto e, de repente, já não era tão baixinho.

— Não se fala assim com um diabo! — gritou.

E se pôs a pisotear a grama ao redor até acha-tá-la no chão. Seus olhos faiscavam.

— Desculpe — Robert murmurou.

